

A PERSEVERANÇA DOS SANTOS, UMA DOCTRINA CONTROVERSA

*Paul Wells**

RESUMO

A doutrina da perseverança tem tanto um aspecto bíblico-teológico quanto prático, representado pela negação da fé. Sua ênfase recai não sobre a capacidade e o esforço humano, mas sobre a fidelidade de Deus. Na perspectiva reformada, ela tem uma relação direta com o entendimento da salvação, sendo “preservação” um termo mais adequado que perseverança. Depois de definir a doutrina à luz da Confissão de Fé de Westminster, o autor apresenta três concepções alternativas (arminiana, luterana e católica romana) e aborda o debate entre John Goodwin e John Owen sobre o tema. A seguir, são considerados os argumentos teológicos e bíblicos que parecem contradizer a perseverança, e a maneira com a fé reformada lida com dois desafios, a dificuldade da fé temporária e o problema do retrocesso no caminho da salvação. O artigo conclui com uma exposição de como a perseverança se relaciona necessariamente com a obra de Cristo, a atuação do Espírito Santo e a oração.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia reformada; Soteriologia; Perseverança dos santos; Preservação.

INTRODUÇÃO

A doutrina da perseverança procura responder, por meio de textos como Hebreus 6, às questões que surgem sobre o plano exegético, mas os maiores

* Professor emérito de Teologia Sistemática na Faculdade João Calvino, em Aix-en-Provence, França (anteriormente Faculdade Livre de Teologia Reformada), e membro do comitê redatorial de sua revista teológica, *La Revue Réformée*, da qual este artigo foi extraído (vol. 57, nº 236, jan. 2006). O texto foi traduzido por Paulo Sergio Athayde Ribeiro.

problemas são de ordem prática. A experiência mostra que são muitos aqueles que, tendo um dia confessado o nome de Cristo, renegam sua profissão de fé, às vezes de forma dramática, e adotam ideias ou, com mais frequência, um comportamento ético muito distante do cristianismo. Essa triste realidade merece algumas explicações.

A própria palavra “perseverança” é um pouco ambígua. Ela sugere a ideia errada de que o crente teria a capacidade de trilhar o caminho da fé por suas próprias forças. Dada a partida, a perseverança seria um elemento normal da carreira cristã.

No entanto, na teologia reformada a noção de perseverança não implica em que a continuação na graça seja natural, ou que dependa de esforços e da vontade humana. Ela não está ligada ao estado interno da alma regenerada. A perseverança não provém daquele que confessa sua fé, mas de Deus que mostra a sua fidelidade. O crente, em seu estado de imperfeição, está tão propenso a sucumbir à tentação como Adão antes da queda. A perseverança não deve nada aos esforços humanos, mas deve tudo à ação de Cristo para com os seus. Ela é a “perseverança dos *santos*”, e esta última palavra nos faz lembrar que ela é, antes de tudo, uma obra do Espírito Santo concedida pelo Cristo que vive.

A doutrina da perseverança, em sua formulação reformada, também não apoia a ideia de que seria possível viver no pecado e ao mesmo tempo ser salvo. Isso sempre foi vigorosamente combatido. Uma vida marcada por um estado habitual de pecado, torna evidente que tal pessoa não foi regenerada pelo Espírito Santo. A natureza da árvore é reconhecida pelos frutos (do Espírito) que contém.

Como doutrina, a perseverança é um dos elementos de compreensão da natureza da salvação. Ela exprime a segurança de que as pessoas que verdadeiramente foram aceitas em Cristo, isto é, chamadas e santificadas por seu Espírito, não podem cair definitivamente da graça. A obra da graça, nelas iniciada por Cristo, vai prosseguir, apesar das quedas, até que seja completada. A perseverança não depende em nada das obras dos crentes; ela manifesta sua “preservação” por Cristo, das mãos de quem nenhuma de suas ovelhas será tirada (Jo 10.1-18).

Na verdade, a palavra “preservação”, que remete à ação de Cristo, seria mais adequada do que a palavra “perseverança”, que acentua mais a ação do crente.

1. DEFINIÇÃO DE PERSEVERANÇA

A definição proposta pela Confissão de fé de Westminster é difícil de ser melhorada, se levarmos em conta sua precisão e seu conteúdo bíblico:¹

¹ Entre os textos bíblicos citados sobre a perseverança estão Jo 10.27-29; Rm 11.29; Fp 1.6; 2 Ts 3.3; 2 Tm 1.12 ; 4.18; Jr 32.40.

Os que Deus aceitou em seu Bem-amado, os que ele chamou eficazmente e santificou pelo seu Espírito, não podem decair do estado da graça, nem total nem finalmente; mas com toda a certeza hão de perseverar nesse estado até ao fim, e estarão eternamente salvos (XVII.1).²

Que crente, ao ler esse texto, não desejaria que isso fosse verdade para ele mesmo e para os seus? Ninguém pensa que cair da graça “inteiramente e definitivamente” seja um fim desejável. Refletindo sobre isso, esperamos que para nós isso seja uma possibilidade... impossível.

Esta definição não negligencia as dificuldades que marcam a peregrinação do cristão. Ao contrário, ela leva em conta o projeto do adversário de destruir a segurança da salvação, que é o fruto da perseverança, debilitando a confiança do crente na possibilidade de perseverar.

Eles, porém, pelas tentações de Satanás e do mundo, pela força da corrupção neles restante e pela negligência dos meios de preservação, podem cair em graves pecados e por algum tempo continuar neles; incorrem assim no desagrado de Deus, entristecem o seu Santo Espírito e de algum modo vêm a ser privados das suas graças e confortos; têm os seus corações endurecidos e as suas consciências feridas; prejudicam e escandalizam os outros e atraem sobre si juízos temporais (XVII.3).

Como entender, nesta citação, a expressão “por algum tempo”? É impossível responder a essa questão. Podemos somente estar seguros de que será limitado e que aqueles que caem, por se endurecerem, conhecerão um tempo de retorno e restauração na graça. Suas quedas não são irremediáveis e sua perseverança é certa, porque Cristo persevera com os seus. Por isso, talvez fosse bom, quando a palavra “perseverança” é utilizada, a ela acrescentar, ao menos mentalmente, o qualificativo “final”. G. C. Berkouwer comenta:

A perseverança dos santos está ligada, de maneira irredutível, à segurança da fé, pela qual o crente enfrenta o futuro com confiança – não com a ideia de que todos os perigos foram eliminados, mas com a certeza de que serão verdadeiramente vencidos.³

2. TRÊS CONCEPÇÕES

O desenvolvimento da doutrina cristã da perseverança ficou marcado na história por três concepções.

² *Les Textes de Westminster*. Aix-en-Provence, França: Kerygma, 1988, p. 33. Ver: *A Confissão de Fé de Westminster*. 17ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 135.

³ BERKOUWER, G. C. *Faith and Perseverance*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1958, p. 11.

a) A primeira leva em conta a possibilidade, para um crente, de não perseverar na fé. Encontramo-la nas tradições pelagianas, arminianas, wesleyanas, como também no ensino de grupos como o Exército de Salvação. Essa concepção está frequentemente ligada a uma ideia inadequada sobre a relação que há entre a justificação e a santificação, e uma recusa em ver a ligação existente entre a eleição eterna de Deus e a certeza de salvação, ou entre a regeneração e a experiência cristã.

b) Após Melancton, a teologia luterana foi marcada por uma noção de realização da aliança desprovida do aspecto escatológico. A graça restaura o homem em seu estado inicial de justiça e, a exemplo do primeiro homem, ele pode cair. Assim, a salvação tenderia a ser uma antropologia centrada sobre a experiência da justificação, e a perseverança dependeria da continuação na fé. A exortação “e aquele que perseverar até o fim será salvo” (Mt 10.22) “dá margem para entender que muitos cristãos não haverão de perseverar na fé... o crente só pode perseverar na fé se fizer uso fielmente dos meios de graça instituídos por Deus”.⁴

c) Para o catolicismo romano, a perseverança está enraizada na fé da igreja. Ela depende da receptividade do crente que não resiste aos meios de graça.

As virtudes humanas adquiridas pela educação, por atos deliberados e por uma perseverança sempre retomada com esforço são purificadas e elevadas pela graça divina... Os filhos da nossa mãe Igreja esperam, justamente, a graça da perseverança final e a recompensa de Deus Pai pelas boas obras realizadas com sua graça em comunhão com Jesus.⁵

Nesses três casos, como na teologia reformada, existe uma ligação teológica complexa entre a natureza da aliança, a antropologia e a doutrina da salvação, que não é possível considerar neste texto.

Do ponto de vista histórico, um grande debate protestante sobre esse tema aconteceu no século XVII, na discussão estabelecida entre John Goodwin,⁶ autor da obra *Redenção Redimida* (“Redemption redeemed”), e John Owen, que respondeu de forma magistral com *A Doutrina da Perseverança dos Santos* (1654).⁷ Contra a doutrina da perseverança, Goodwin adiantou quatro argumentos, sendo dois de ordem teórica e dois de ordem

⁴ MUELLER, J. T. *La doctrine chrétienne*. Bruxelas, Bélgica: Ed. des Missions Luthériennes, 1956, p. 493, 496. O luteranismo confessional procura se distinguir do calvinismo, considerado determinista, e do sinergismo, indeterminista.

⁵ *Catéchisme de l'Église Catholique*. Paris: Mame/Plon, 1992, § 162, 1812, 2008, 2016.

⁶ John Goodwin (1594-1665) não deve ser confundido com o mais célebre Thomas Goodwin (1600-1680), que foi membro da Assembleia de Westminster.

⁷ OWEN, John. *Works*, XI. Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 1966, 1-666.

prática.⁸ A partir de Hebreus 6.1-8 e 10.26-39, Goodwin concluiu com a realidade da apostasia e a possibilidade, para o crente, de cair do estado de graça. Ele considera que seu ponto de vista é sustentado pelo fato de que muitos fiéis, outrora zelosos pelo Senhor, tornaram-se indiferentes. Para Owen, a apostasia e o retrocesso de muitos professantes não provam que eram crentes, mas que, ao contrário, nunca o foram! Nem todos aqueles que professam “a verdadeira religião” são regenerados, e uma santidade temporária e exterior não é prova de que houve uma mudança profunda na natureza de uma pessoa. Owen sustenta seu argumento por uma exegese detalhada das passagens indicadas. Ele observa que, cada vez que a Escritura menciona um Himeneu ou um Fileto, ela acrescenta a isso uma tal precisão que “no entanto o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: o Senhor conhece aqueles que lhe pertencem” (2 Tm 2.17-19).

Owen explica a doutrina da perseverança no contexto global da salvação e na inter-relação das doutrinas a ela relacionadas. A perseverança depende da natureza imutável de Deus, de suas promessas e de seu plano eterno, da unidade integral do plano de salvação e da natureza da graça. A aliança da graça depende da obra de Cristo e é o seu Espírito, o *Paráclito*, que efetua a perseverança dos filhos de Deus, permanecendo com eles para sempre (Jo 14.16).

Para responder a Goodwin, Owen criou um silogismo:

- Os eleitos não podem cair da graça (Jo 10.27-29).
- Alguns que professaram a fé se desviaram.
- Esses não são crentes verdadeiros, eleitos pela graça.⁹

3. OS ARGUMENTOS QUE PARECEM CONTRADIZER A PERSEVERANÇA

Alguns têm afirmado que a perseverança é a negação da liberdade humana. Este mesmo argumento foi usado contra o ensino bíblico sobre a graça irresistível de Deus, formulado de forma clássica no quarto cânone do Sínodo de Dort. Na Escritura, a liberdade não é algo abstrato ou uma simples possibilidade. A verdadeira liberdade é a *liberdade de* e a *liberdade para*, que diz respeito à autodeterminação do homem que, fiel à aliança, faz a escolha da santidade no serviço do Senhor.

A perseverança seria uma doutrina que encorajaria a licenciosidade? Este argumento às vezes pode ser encontrado em textos arminianos ou metodistas, que veem uma oposição entre a perseverança e a busca da perfeição. Convém

⁸ Um relatório pode ser encontrado em BEEKE, J. R. *The Quest for Full Assurance: The Legacy of Calvin and his Successors*. Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 1999, p. 165-173. Também: FER-GUSON, S. *John Owen on the Christian Life*. Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 1987, p. 261-269.

⁹ OWEN, *Works*, XI, p. 113ss; cf. BEEKE, *The Quest for Full Assurance*, p. 168.

lembrar que a teologia reformada, que defende fortemente a perseverança, concede à Lei de Deus, no tocante à santificação, um lugar mais importante do que outras teologias. Para a teologia reformada, a perseverança não subsiste isolada da prática do “terceiro uso da Lei”, que, por sua vez, não subsiste isolado da ação do Espírito na vida renovada do crente.

Os textos bíblicos que parecem contrários à doutrina da perseverança são os seguintes:¹⁰

a) *Exortações contra a apostasia* (Mt 24.12; Cl 1.23; Hb 2.1; 3.14; 1 Jo 2.6). Essas exortações encorajam o autoexame a fim de verificarmos se estamos na fé. Elas não ensinam que não é possível perseverar, mas servem para reforçar a vontade de perseverar. Elas não dizem que a apostasia de uma pessoa regenerada é possível, mas denunciam o caráter perigoso do pecado.

b) *Alguns casos de apostasia “comprovados”* (1 Tm 1.19-20; 2 Tm 2.17-18 ; 4.10; 2 Pe 2.1; Hb 6.4-6). Nada prova que aí se trata de verdadeiros crentes que tiveram a fé salvadora e caíram. Na Escritura, há exemplos de “falsos cristãos” que professaram a fé verdadeira, mas não estavam na fé (Rm 9.6; 1 Jo 2.9; Ap 3.1). A parábola que enfatiza o contraste entre as duas casas, no final do Sermão da Montanha, não se refere a uma distinção entre o crente e o não crente, mas à diferença entre a realidade e a aparência, e o perigo de ouvir a palavra sem recebê-la e colocá-la em prática (Mt 7.24-27).

Como diz Herman Bavinck: “Nós nos enganamos se das admoestações da Escritura inferimos uma perda total da graça. A certeza do resultado não torna os meios supérfluos, mas está, na ordem posta por Deus, a eles indissoluvelmente ligada.”¹¹

4. A TEOLOGIA REFORMADA LEVA A SÉRIO OS SEUS PROBLEMAS

Uma teologia digna do nome é não somente teórica, mas também verossímil, levando em conta nosso conhecimento das realidades humanas e psicológicas (ainda que estas não constituam uma norma). A doutrina da perseverança apresenta duas dificuldades que a teologia reformada, seguindo Owen, procurou resolver:

4.1 A dificuldade da fé temporária (2 Tm 2.17)

Armínio sugere que é possível perder a graça. Seu argumento é sutil. Ele afirma, dogmaticamente, que para os crentes é impossível perder a salvação, enquanto permanecem. Se “caem”, naturalmente perdem seu status de crente e, conseqüentemente, sua salvação.

¹⁰ Para uma discussão sobre os dados exegéticos no que concerne à perseverança, ver BLOCHER, H. *La doctrine du péché et de la rédemption*. Vaux-sur-Seine, França: Edifac, 1983, p. 412-423.

¹¹ BAVINCK, H. *Gereformeerde Dogmatiek*, IV, p. 254, apud BLOCHER, *La doctrine*.

Contra a teoria sinergista, Calvino já havia desenvolvido a tese de que é possível ter uma fé psicológica ou temporária. O homem natural pode ser beneficiado, por causa da graça comum, pela luz do Espírito.¹² Os não regenerados podem, igualmente, em sua natureza comum, conhecer alguma medida da graça especial, que dá ocasião a uma fé temporária, mas que não salva (o caso de Saul, por exemplo).¹³ Calvino fez essa constatação não somente pela Escritura, mas também por experiência. Ele recusa a distinção escolástica entre a fé “formada” e a fé “informe”, que não tem valor, porque a verdadeira fé não pode estar separada de uma certeza real e de uma disposição espiritual bem orientada.¹⁴ A fé temporária é mostrada em Lucas 8.13. Para Calvino, não parece falso afirmar que os não regenerados podem ter uma impressão confusa da fé (uma imagem da crença e não a realidade da fé) por uma operação do Espírito Santo inferior à que ocorre numa verdadeira regeneração, que reorienta toda a vida. Os eleitos têm plena confiança de que Deus é seu Pai, o que é completamente diferente de uma vaga crença.¹⁵ Para Calvino, a verdadeira fé é indestrutível e traz nela a segurança de sua realidade. Como saber se nossa fé não é uma fé temporária? Olhando constantemente para Cristo.¹⁶

4.2 O problema do retrocesso (backsliding)

Em alguns momentos, os crentes podem ir muito longe no pecado. Salomão, Davi, Moisés, Pedro são exemplos disso entre os santos. No caso de retrocesso, ou é manifesto que a pessoa nunca teve a fé verdadeira, ou há uma restauração após um período de “desânimo” espiritual. Pedro é renovado (Lc 22.32); Davi é um santo verdadeiro, antes e depois de seu pecado (segundo o Salmo 51.11-12). O princípio da graça pode ser momentaneamente abafado e a comunhão com Deus enfraquecida por causa do pecado.

Nesses períodos de retrocesso, duas atitudes podem ser observadas:

a) Se a pessoa está satisfeita no pecado, é provável que nunca tenha, verdadeiramente, conhecido a graça da regeneração. Se o pecado não a deixa triste, mesmo estando “no fundo do poço”, isso é sinal de que é “não regenerada”. Nenhum santo pode viver por muito tempo e alegremente no pecado e sentir-se bem, levantar-se contra a Lei de Deus e não detestar o que faz. Por causa de sua consciência de crente, o cristão que cai em pecado não faz isso sem provar um certo desgosto e, eventualmente, colocar-se em questão.

¹² CALVINO, João. *Institutas*, II.ii.16.

¹³ *Ibid.*, II.ii.17.

¹⁴ *Ibid.*, III.ii.8.

¹⁵ Cf. GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994, p. 794ss.

¹⁶ CALVINO, *Institutas*, III.ii.24.

b) Se o crente considera esses períodos de desânimo como ocasião para examinar-se, à luz da misericórdia divina, e arrepender-se, sua vida espiritual parece autêntica.

5. A PERSEVERANÇA, A OBRA DE CRISTO E A ORAÇÃO

A doutrina da perseverança – o grande mérito de Owen foi enfatizá-la – deveria ser coerente com as doutrinas que descrevem os outros aspectos da salvação associados à obra de Cristo.

Alguns unem a perseverança à eleição, à natureza da aliança ou à união com Cristo. É verdade, há uma coerência entre essas doutrinas e a doutrina da perseverança. É possível conciliar uma visão elevada da salvação e a certeza que dela podemos ter, com a fraqueza e quedas que os crentes experimentam? Em sua natureza, o pecador confia em suas forças, mas a verdadeira espiritualidade tem consciência de suas fraquezas. O cristão percebe que é fraco e, por essa razão, Cristo é essencial para ele.

Diante dessas interrogações intervém a intercessão de Cristo e a obra do Espírito. É numa oração de súplica que a realidade quanto à fraqueza do fiel se encaixa melhor com uma visão elevada da salvação. A perseverança, como de resto todas as doutrinas da graça quando bem compreendidas – da eleição à glorificação – encoraja menos o orgulho do que a humildade. A grandeza da doutrina reformada da perseverança está em enfatizar que o cristão continua vivendo em fraqueza e apesar dela. Esta experiência constata e encoraja a verdadeira oração.

Convém, então, estabelecer uma relação entre a perseverança e a fé em Cristo, entre a intercessão de Cristo e a obra do Espírito em nós, o qual faz jorrar nossas orações.¹⁷ De fato, um argumento importante a favor da perseverança tem como base a eficácia do ministério atual de Cristo como Mediador.

a) O fundamento da perseverança é o mérito de Cristo, a salvação que realizou e que lhe deu um direito de propriedade sobre seus filhos. Os pecadores são aceitos em Cristo, que pagou o preço de seu perdão. A obra de Cristo cobre todo o pecado, pois é totalmente eficaz (Hb 9.12; 10.12, 14). Sendo justificados pela justiça “declarativa” de Deus, é impossível que o filho de Deus volte a ser “injusto” diante dele. É assim, não por causa de suas obras, mas por causa de Cristo. Seus filhos são dele. Como alguém poderia imaginar o contrário, sem comprometer a glória de Cristo e depreciar a justiça nele realizada? O Pai sempre ouve o Filho quando este intercede por seu povo (Jo 11.4; Hb 7.25; Rm 8.34; Jo 17.20, 24; 1 Jo 2.1). A intercessão de Cristo é sua atividade constante.

b) O Espírito de Cristo permanece no coração de seus filhos como um selo (Ef 1.13-14; 2 Co 1.22). O selo confirma a aliança e torna certo, inelutável,

¹⁷ BERKOUWER, *Faith and Perseverance*, cap. 5.

seu cumprimento pelas *duas partes* unidas pelo contrato. Cristo concluiu a aliança que nos é ratificada pelo selo de seu Espírito. Imaginar que o Espírito possa começar uma obra eficaz e depois abandoná-la seria comprometer sua soberania e sabedoria. Se isso fosse verdade, onde estaria a fidelidade de Deus às suas promessas, recebidas por aqueles que entram na aliança pela fé em Cristo? O Espírito implanta nos crentes verdadeiros o princípio da vida eterna (1 Jo 3.9; 1 Pe 1.23).

c) A comunhão, que faz o crente participante da vida de Cristo, é o elo entre o selo do Espírito e sua intercessão pelos seus. Cristo como intercessor é *paracletis*; o Espírito é o *Paráclito* dado. A oração é louvor e, o que é mais importante, concretiza o caráter efetivo e real da salvação. Ela é o instrumento da perseverança. Cristo intercede pelos seus filhos, mas opera também pelo Espírito que está neles. Por isso a perseverança é frequentemente ligada à oração (1 Ts 5.17; Cl 4.2; Ef 6.18; 2 Tm 1.3; Rm 12.12).

A oração não é mecânica, nem mística; ela nutre a Igreja, em Cristo. Ela é a conversa com Cristo pelo Espírito e o meio de sua intercessão em nós. A oração é feita com fé (Tg 1.6, 5.15). Não é concebível a perseverança sem oração. Karl Barth chega até mesmo a dizer que Deus é “condicionado” (*Bestimmung*) pela oração da fé.¹⁸ A ausência física de Cristo é a presença do Espírito. A *paracletis* foi realizada pelo *Paráclito* (Jo 14.6). Com o Espírito que os defende, os crentes têm o consolo de Cristo, que por eles intercede.¹⁹ Assim, os filhos de Deus:

1. São conduzidos pelo Espírito (Rm 8.14);
2. Têm a “mentalidade” do Espírito (Rm 8.5);
3. Recebem o Espírito que testemunha a seu espírito (Rm 8.16);
4. São beneficiados por sua intercessão (Rm 8.27).

Nessas passagens, as fraquezas dos fiéis constituem o campo de ação do Espírito. A oração como tal não elimina essas fraquezas. Mas o Espírito vem assistir e sustentar, e abre as perspectivas encorajadoras da glória futura (Rm 8.19). Assim, por ela, a perseverança se realiza na esperança, auxiliada pela continuidade na oração.²⁰

Portanto, a perseverança não é uma atitude qualquer; ela faz parte de uma comunhão pessoal vívida com Deus, que inclui alguns parâmetros em tensão: a fraqueza, o Espírito, a oração, a perseverança. O Espírito geme nos

¹⁸ BARTH, Karl. *Kirchliche Dogmatik*, II, i, 574, apud BERKOUWER, *Faith and Perseverance*, 130.

¹⁹ De fato, “defensor em justiça” exprime melhor do que “consolador” a obra do Espírito como *parakletos*. Cf. ROMEROWSKI, S. *L'œuvre du Saint-Esprit dans l'histoire du salut*. Cléon d'Andran, França: Excelsis, 2005, p. 225ss.

²⁰ Cf. BENETRREAU, S. *La prière par l'Esprit*. Cléon d'Andran, França: Excelsis, 2004.

orações aos quais dá consolo, porque conhece suas fraquezas, e suplica pelos filhos da aliança.

CONCLUSÃO

A perseverança, longe de ser uma simples consequência lógica de outras doutrinas da fé, está enraizada na obra do Espírito que intercede em nós, da parte de Cristo. Ela não é a negação das incapacidades ou fraquezas dos fiéis em razão do pecado que sempre está neles. Sem a oração no Espírito ela é uma impossibilidade. A perseverança remete, constantemente, à fonte da graça.

Se de um lado convém insistir sobre as fraquezas dos crentes, por outro não seria sensato dar-lhes um lugar proeminente na vida espiritual. A falsa humildade do autodesprezo, que vemos em alguns místicos ascetas, é pouco desejável. Essa falsa humildade pode ser, na realidade, um orgulho dissimulado que se gloria na carne.

A perseverança aliada à intercessão do Espírito não pode se transformar em teologia da glória. Ela é, antes de tudo, uma teologia da fraqueza que se gloria na cruz de Cristo. Na cruz, porque Cristo em sua fraqueza tornou-se nossa força, quando aboliu a razão da nossa fraqueza, o nosso pecado. “A graça de Deus reina pela justiça... como também o crente não recebe a promessa de ser salvo *no* pecado, mas *do* pecado”.²¹

ABSTRACT

The doctrine of perseverance has both a biblical-theological and a practical aspect, the latter being represented by the denial of faith. The doctrine's emphasis lays on God's faithfulness rather than on man's ability and efforts. In the Reformed perspective, it is directly connected with the understanding of redemption, “preservation” being a concept preferable to perseverance. After defining the doctrine of perseverance in light of the Westminster Confession of Faith, the author presents three alternative concepts (Arminian, Lutheran, and Roman Catholic) and deals with the debate on the issue between John Goodwin and John Owen. Then, he considers some biblical and theological arguments that seem to contradict perseverance and the way the Reformed faith deals with two challenges: the difficulty of temporary faith and the problem of backsliding. The article concludes with an exposition of how perseverance is necessarily related to the work of Christ, the action of the Holy Spirit, and prayer.

KEYWORDS

Reformed theology; Soteriology; Perseverance of the saints; Preservation.

²¹ FERGUSON, *John Owen on the Christian Life*, p. 269.